

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS DE IMPERATRIZ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA - CCSST
COORDENAÇÃO DE JORNALISMO

MARIA GABRIELA SANTANA RIBEIRO

JORNALISMO EM QUADRINHOS:

uma análise visual da editoria de política da Revista Badaró

MARIA GABRIELA SANTANA RIBEIRO

JORNALISMO EM QUADRINHOS:

uma análise visual da editoria de política da Revista Badaró

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos

Imperatriz - MA
2025

MARIA GABRIELA SANTANA RIBEIRO

JORNALISMO EM QUADRINHOS:

uma análise visual da editoria de política da Revista Badaró

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Federal do
Maranhão, campus Imperatriz, como requisito
para a obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, pela Universidade Federal do
Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Medeiros dos
Santos

Aprovado em: 30/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos (orientadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

Profa. Dra. Regysane Botelho Cutrim Alves (examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

Profa. Ma. Lya Brasil Calvet (examinadora)
UNICHRISTUS - CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

Imperatriz - MA
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santana Ribeiro, Maria Gabriela.

JORNALISMO EM QUADRINHOS: : uma análise visual da
editoria de política da Revista Badaró / Maria Gabriela
Santana Ribeiro. - 2025.

67 p.

Orientador(a): Yara Medeiros dos Santos.

Monografia (Graduação) - Curso de Jornalismo,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - Ma, 2025.

1. Jornalismo Visual. 2. Não-ficção. 3. Narrativas
Gráficas. 4. Ilustração. 5. Histórias Em Quadrinhos. I.
Medeiros dos Santos, Yara. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Kátia, minha melhor amiga com colo inigualável, incentivadora e companheira de todas as horas. Sem ela **nada** disso seria possível; ao meu pai, Edimilson, que sempre batalhou sob as rodas de uma moto debaixo de sol e chuva, tristeza e alegria, para proporcionar conforto e uma boa educação para mim e meu irmão e, no final do dia, ainda ter tempo de brincar e abraçar; ao meu cachorrinho Jake, por me relembrar o amor puro e terno em momentos turvos.

À Família Lima (Tia Concita, Tio Zé, Alice e Jéssica), por sempre estarem presentes, torcendo e acolhendo e, principalmente, por me ajudarem a me reerguer quando desmoronei cinco anos atrás; Tia Rosa e Tio Chico, por se disponibilizarem a me ajudar a concluir etapas que eu acreditava que não seriam possíveis.

À minha avó, Dona Maria, e tia avó, Tia Célia, que desde à minha infância se fizeram presentes, nunca deixando faltar amor, carinho, mesas de café com pão às 16h, e o mais precioso afeto que só avós conseguem dar.

À minha querida amiga (e irmã) confidente há sete anos, Rissa, que mesmo longe se faz presente. Obrigada por me ouvir, aconselhar e por ter permanecido comigo nos momentos de fraqueza. Às amizades que fiz na trajetória Universitária: Débora, por me mostrar outros mundos, me ajudar a crescer como ser humano e ser meu ponto de apoio em uma cidade desconhecida; Saiury, por todas as gargalhadas que fizeram os dias serem mais leves, pelas palavras bonitas, mãos estendidas, e por sempre acreditar em mim e na Débora; Pedro, por ser minha dupla nos trabalhos do início ao final, pela junção de ideias que se tornavam incomparáveis aos nossos olhos e pelas *incontáveis* risadas compartilhadas.

À minha orientadora, Yara Medeiros, me faltam palavras para agradecer tanto apoio, carinho e incentivo que foram além da sala de aula. Obrigada por acreditar não só em mim, mas em todos que tiveram o privilégio de cruzar com você na Universidade. Com Yara e *LOVE*, o Jornalismo se tornou para além de textos e rotina, agora é paixão e arte. Encerrar este ciclo sob seus direcionamentos é uma honra para lá de incrível e simboliza o ponto continuativo de uma jornada humana e divertida.

E não menos importante, à mim, que me permiti desbravar o desconhecido, encarar o novo em um lugar longe de casa, concluir uma etapa após perdas e fins e, principalmente, por finalmente me encontrar e não abandonar o que acredito.

Eu vejo arte como qualquer atividade humana que não se desenvolve a partir dos dois instintos básicos da nossa espécie: sobrevivência e reprodução.

Scott McCloud

RESUMO

Este trabalho busca entender quais as principais características da narrativa visual de 14 histórias em Jornalismo em Quadrinhos (JHQs) publicadas no site da Revista Badaró, de novembro de 2024 a maio de 2025, na editoria de política. Este veículo se dedica integralmente ao formato do Jornalismo em Quadrinhos (JHQ), sendo a primeira iniciativa especializada da área no Brasil. A metodologia da pesquisa se desenvolveu a partir da pesquisa bibliográfica, documental e análise temática. Foram observados códigos demarcadores das narrativas relacionados ao jornalismo e aos formatos híbridos vinculados à ficção. A pesquisa expõe como a arte sequencial aplicada ao jornalismo contribui para a acessibilidade de temáticas complexas e como o formato apresenta narrativas híbridas.

Palavras-chave: Jornalismo Visual; Não-ficção; Narrativas gráficas; Ilustração; Histórias em Quadrinhos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro de “ <i>A Harlot’s Progress</i> ”	17
Figura 2 - Quadros de “A história do Sr. Jabot”	18
Figura 3 - Quadros do capítulo 1 de “As aventuras de Nhô Quim”	19
Figura 4 - Quadros de “ <i>The Yellow Kid</i> ”	20
Figura 5 - Página da HQ “ <i>Maus</i> ”	22
Figura 6 - Página da JHQ “Palestina”	23
Figura 7 - Restauração da arte original do “Crime da Mala”	25
Figura 8 - Quadro da JHQ “O Novo Sempre Vem”	35
Figura 9 - Quadro da JHQ “Neosacerdotisas: revolução íntima e o renascimento feminino”	35
Figura 10 - Quadro da JHQ “Invasão Zero’: A milícia ruralista que está no centro do assassinato de líder pataxó”	36
Figura 11 - Quadro da JHQ “Ruanda e Congo-Kinshasa: Chagas compartilhadas”	37
Figura 12 - Uso de verbos na terceira pessoa, ilustração do apresentador, rostos dos envolvidos e balões de fala	40
Figura 13 - Imagem do final da JHQ expondo o serviço	40
Figura 14 - Ilustrações dos rostos dos envolvidos e organograma	41
Figura 15 - Ilustrações de pessoas mencionadas e cores em alusão à bandeira do país	42
Figura 16 - Linha do tempo dos fatos, descrições de cargos, funcionamento dos poderes e políticos já eleitos	42
Figura 17 - Uso de balão de fala e fonte documental implícita.....	43
Figura 18 - Uso de verbos na terceira pessoa, fonte documental e institucional e balão de fala	44
Figura 19 - Quadro da JHQ “8 de março: Flores ou espinhos?”	44
Figura 20 - Quadro da JHQ explicitando o panfleto informativo	45
Figura 21 - Balões de fala, verbos em terceira pessoa, uso do preto e branco e vermelho para destacar informações	46
Figura 22 - Uso do vermelho para remeter ao sangue e balões de fala	46

Figura 23 - Uso de verbos em terceira pessoa, balões de fala e ilustração de uma planta sangrando	47
Figura 24 - Linha do tempo dos fatos e personagem sorrindo	48
Figura 25 - Verbos em terceira pessoa, ilustração dos envolvidos, predomínio da cor bege e vermelho destacando o sangue	49
Figura 26 - Verbos em terceira pessoa, balões de fala, explicitação de fontes e ilustrações dos mencionados	50
Figura 27 - Balões de fala sem demarcação de fontes	50
Figura 28 - Uso de terceira pessoa e ilustrações que complementam os textos ao lado	51
Figura 29 - Parte textual da JHQ “O que são retomadas indígenas e por que elas ocorrem em MS”	52
Figura 30 - Explicitação de fonte institucional	52
Figura 31 - Verbos em terceira pessoa e ilustrações de personagens mencionados	53
Figura 32 - Aparição do narrador alegórico e balões de fala	54
Figura 33 - Balões de fala do narrador alegórico e das demais personagens	54
Figura 34 - Aparição de fontes documentais e leis propostas pela deputada	55
Figura 35 - Explicitação da parceria	56
Figura 36 - Uso de verbos em terceira pessoa, exemplos para lembrar casos, ilustração de pizza que remete à fala real e balão de fala	57
Figura 37 - Uso de uma fotografia real e balão de fala	57
Figura 38 - Demarcação do uso de fontes documentais e balões de fala	58
Figura 39 - Quadros da JHQ “Nakba: o início da tragédia palestina”	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - HQs selecionadas da editoria de política da Revista Badaró de novembro de 2024 a maio de 2025	38
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 QUADRO POR QUADRO	15
1.1 Uma síntese do passado	15
1.2 Jornalismo em quadrinhos: uma nova práxis	20
2 EMISSÃO, CLAREZA E RECONHECIMENTO DA MENSAGEM E AS HQS	25
2.1 Criatividade frente à objetividade (e subjetividade)	27
3 O PRIMEIRO VEÍCULO COM FOCO EM JHQ	30
3.1 Ilustrando e aplicando a matriz avaliativa	31
3.2 Traçando a análise	37
3.3 Discussão dos resultados	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

A construção coletiva de conhecimento no campo visual é relevante para expansão das visões de mundo em uma sociedade de apelo imagético constante. Mirzoeff (2003) considera que “a distância entre a riqueza da experiência visual na cultura pós-moderna e a habilidade para analisar esta observação cria a oportunidade e a necessidade de converter a cultura visual em um campo de estudos”. A ilustração está presente em diferentes contextos midiáticos, desde os livros infantis aos artigos da imprensa diária, estampando histórias com diferentes funções. Há aquelas que podem causar grande impacto visual, nestas o caráter estético está em primeiro plano, outras têm a intenção informativa, evidenciando aspectos de um texto e há aquelas com função didática, utilizadas para dar mais clareza a processos complexos em que as palavras são insuficientes. Desse modo, a ilustração se torna um elemento fundamental da comunicação visual e, particularmente para o jornalismo, colaborando com o processo de tradução da informação em uma linguagem direta.

Na ilustração as índoles infantis e humorísticas são postas em evidência pelo juízo comum, caracterizando uma longa jornada deste conteúdo imagético sendo utilizado e popularizado em maior escala para estes fins. O jornalismo por si só é visto como um instrumento que beira a severidade e exala tradicionalismo, apartando, de certa forma, novos jeitos de fazê-lo, seja por medo da perda de credibilidade, que até então, ainda é duramente questionada. Mas este aparte é enfrentado por aqueles que se aventuram a pautar, reinventar e dar forma a um jornalismo criativo e inovador, como o jornalista maltês Joe Sacco se arriscou ao popularizar o Jornalismo em Quadrinhos.

Ao longo da evolução das ilustrações, constituem-se como um campo vasto de estilos passíveis de serem reinventados, seja no campo figurativo ou abstrato. O século XX é designado como a era da imagem, tendo a fotografia e o cinema como as principais expressões, mas a ilustração também manteve sua importância. Perdeu espaço na imprensa, mas ganhou o mercado editorial com as histórias em quadrinhos, *graphic novels* e desenhos animados. No século XXI tem sido bastante popularizada pela eficiência das *tablets* gráficas e mesas digitalizadoras, ferramentas que permitem o manejo dos processos de experimentação e acabamento.

A partir da observação empírica realizada no âmbito das discussões do LoveLabCom - Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa percebeu-se um crescimento do campo da ilustração detectados nos grafites, encontros de adeptos da cultura geek, nerd e gamer e perfis do Instagram. As expressões são diversas e apresentam ilustradores adeptos de recursos clássicos tais como pintura, desenho e colagem e dos mais contemporâneos com artes totalmente digitais.

Quando passei a atuar como bolsista do LoveLabCom com o projeto de pesquisa “Mapeamento ilustrado: culturas visuais de ilustradores da Região Tocantina do Maranhão”¹ fiquei responsável pelo plano de trabalho “Análise de imagens e mapeamento de ilustradores da região Tocantina do Maranhão”. A partir disso, a imersão nas narrativas do jornalismo visual se expandiu e resultou na elaboração de resumos e artigos científicos sobre o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) e posteriormente, esta monografia.

No primeiro capítulo foi abordado um panorama histórico e conceitual acerca das histórias em quadrinhos e Jornalismo em Quadrinhos, ressaltando a evolução da mescla de imagens e textos até a consolidação do formato, as influências orientais e ocidentais e o resgate das origens da linguagem quadrinizada até os primeiros registros no Brasil. Em seguida, discorre-se sobre o surgimento do JHQ a partir da apropriação de técnicas jornalísticas pela linguagem visual, com destaque para Joe Sacco como precursor do campo, contextualizando também o cenário brasileiro atual.

No capítulo 2, é pautada a acessibilidade da comunicação dentro do jornalismo através da junção de textos e imagens, em especial a exposição do imagético e como ajudam a proporcionar a difusão de informações de maneira mais prática e compreensível.

O capítulo 3 apresenta o objeto em estudo, a Revista Badaró, a metodologia utilizada na pesquisa, que se fundamentou em abordagem qualitativa por meio da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), além de pesquisa bibliográfica e documental. A análise se concentrou na linguagem e estrutura do Jornalismo em Quadrinhos (JHQ). A construção da matriz avaliativa, iniciada a partir de um plano de iniciação científica (PIBIC 2023–2024), permitiu a identificação de códigos

¹ PIBIC iniciado em 2023 na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, que mapeou ilustradores da região, elaborou tabela de metodologias de análise de imagens, análises de artigos e produção de trabalhos científicos na área do Jornalismo Visual.

demarcadores da narrativa jornalística em HQs. O capítulo detalha como esses códigos foram reconhecidos, organizados e aplicados à amostra selecionada, ressaltando o papel da ilustração na construção da narrativa jornalística visual, trazendo também a discussão dos resultados e comparação com materiais analisados em outras produções científicas.

Este trabalho é a etapa de conclusão do mergulho híbrido no Jornalismo Visual e busca apontar como a arte sequencial (HQs) aplicada no Jornalismo contribui para a acessibilidade de temáticas complexas, a partir da identificação de códigos baseados em marcadores narrativos do jornalismo e a presença de elementos textuais e visuais didáticos e artísticos, buscando reflexões sobre as formas criativas do JHQ em um espaço especializado.

1 QUADRO POR QUADRO

História em Quadrinho (HQ) consiste em “imagens pictóricas e outras justaposta em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (McCloud, 2005, p.9). Cirne (2001) reforça que, como linguagem, os quadrinhos possuem suas especificidades que não residem propriamente no balão. Antes de tudo, vive no modo narrativo visual que é capaz de gerenciar elipses gráficas e espaciais, sendo as imagens “congeladas” (neste caso, quadros de uma HQ), o sentido que transmitem depende sempre da relação estabelecida entre elas, não estando só em cada imagem separada, mas na forma como se articulam na sequência, criando um discurso visual coerente e expressivo. É, essencialmente, um meio visual composto de imagens, apesar das palavras serem um componente de suma importância, a maior subordinação para descrição e narração está nas imagens entendidas universalmente, delineadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade (Eisner, 1996, p.5). Está incluída na categoria mais geral que pode ser denominada Arte Visual, que agrega formas de expressão em que o espectador usa, em especial, a visão para apreciá-las (Guimarães, 1999, p. 4). Segundo McCloud (2006), os quadrinhos são como um idioma, em que o vocabulário consiste na série de símbolos visuais, incluindo os cartuns e o realismo, tanto separados quanto em combinações.

Desde a época do Paleolítico Superior, cerca de 40.000 anos atrás, ilustrações que, neste caso, eram as pinturas rupestres, já serviam como instrumento de comunicação, visando transmitir informações e registrar eventos. Durante o processo civilizatório, diversas manifestações assemelhavam-se ao gênero das HQs, como mosaicos, afrescos e tapeçarias, tudo isso visando contar a história por meio da sequência de imagens (Luyten, 1987, p. 18). Segundo Eisner (1999), a mesclagem de imagens e textos não é uma novidade, teve sua época experimental na época medieval em pinturas, mas sendo esquecida no geral após o século XVI. Esta justaposição, ainda, de acordo com o autor, reaparece só no século XVIII, em panfletos e publicações, quando os artistas que lidavam com publicações destinadas ao público de massa criaram uma linguagem coerente que servisse para expressar a complexa gama de pensamentos, sons, ações e ideias dispostas em sequência, separadas por quadros. Isto possibilitou a ampliação do

catálogo da imagem simples, que acabou por desencadear o que se conhece hoje por histórias em quadrinhos.

1.1 Uma breve síntese do passado

De acordo com Campos (2022), as histórias em quadrinhos começam de fato no Oriente, com as narrativas de sacerdotes *bhopas* - contadores de histórias - na Índia, que contavam histórias em rolos acompanhados de ilustrações². Este material foi responsável pela disseminação do budismo no Leste Asiático e, mais tarde, um dos personagens mais aclamados da obra virou objeto de admiração por Mao Tsé Tung e este, por sua vez, utilizaria a linguagem gráfica para propagar as regalias do comunismo. Mas seguir os vestígios dos desdobramentos das histórias em quadrinhos até o início do século XX é um tanto complicado, pois “em geral, não eram feitas para durar, não eram consideradas arte e, seus autores costumavam preferir o anonimato” (Campos, 2022, p. 34). É preciso então, ainda segundo o autor, entender que os quadrinhos primordiais a que temos acesso são apenas uma parcela da história, mas que servem para atestar o didatismo e virtude da linguagem dos quadrinhos que estava em desenvolvimento. O fio da linguagem que caiu nas graças do público se estendeu, atravessou oceanos e desembarcou na cultura ocidental moderna. O pintor inglês William Hogarth criou *A Harlot's Progress*³ (Progresso da prostituta) em 1732, publicada em um jornal e considerada por muitos a primeira tira de jornal.

² Os rolos, chamados de *phad* ou *par*, funcionavam como uma espécie de templos portáteis e como ilustrações para as histórias contadas pelos *bhopas*, que normalmente eram explicações sobre o surgimento do budismo.

³ Com seis quadros e cheia de detalhes alegóricos, a obra nasceu a partir de uma pintura de Hogarth que mostrava uma prostituta acordando ao meio-dia no instante em que representantes da Justiça entram para prendê-la. Com o sucesso, o autor desenvolveu uma sequência de quadros com a história de altos e baixos da moça, tendo também uma versão em gravuras impressas em preto e branco.

Figura 1 - Quadro de “A Harlot’s Progress”



Fonte: Site do Royal Academy⁴.

Influenciado por ele, o professor suíço Rodolphe Topffer, que herdou a admiração ao inglês de seu pai, Wolfgang-Adam Topffer, inventava narrativas que poucos tinham acesso, pois era algo mais casual e, tempos depois, os privilegiados introduzidos às obras, perceberam que Topffer estava um passo à frente dos alicerces deixados por Hogarth, algo como uma nova linguagem estava surgindo dali. Por ser um homem conservador e antimodernista, o autor que mostrava em suas obras uma bela relação entre textos e imagens e fluência narrativa inéditas, não queria ver seus quadrinhos publicados, até que em 1833, *A história do Sr. Jabot*⁵ acaba sendo um sucesso, gerando imitações e um novo segmento editorial, os *albums jabot*, que 150 anos depois, os norte-americanos iriam batizar de *graphic novel* (Campos, 2021, p. 38).

⁴ Disponível em: <https://www.royalacademy.org.uk/art-artists/work-of-art/a-harlots-progress-plate-1>. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

⁵ A sequência se passa em um baile da alta sociedade e retrata as tentativas fracassadas de Jabot, um homem de classe média, de se infiltrar na aristocracia francesa.

Figura 2 - Quadros de “A história do Sr. Jabot”



Fonte: Site UOL⁶.

Trazendo para o contexto brasileiro, se considerarmos as atividades ligadas ao humor gráfico, sabe-se que a partir do século XIX ocorreu o registro da história política e social do país no Segundo Império através deste, em que os artistas se voltavam para a produção de charges com críticas à política e realidade do país naquele período, mas sendo poucos os que realmente tinham uma produção seriada que poderia se igualar ao que chamamos hoje de “história em quadrinhos” (Vergueiro, 2017, p. 17). A exceção neste caso foi o italiano Angelo Agostini, depois naturalizado brasileiro, que contribuiu com a narrativa sequencial crítica “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à corte”⁷, sendo considerada a primeira história em quadrinhos realizada no Brasil. Apesar da ausência de balões nas narrativas, as histórias de Agostini deixam realçado a competência de contar graficamente a história (Vergueiro, 2017, p. 25). Há quem considere também que os quadrinhos tiveram sua estreia no Brasil com o francês radicado no Rio de Janeiro, Sébastien Auguste Sisson, em 1855, com a publicação “O namoro, quadros ao vivo,

⁶

Disponível

em:

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/monsieur-jabot-rodolphe-topffer-primeira-hq-do-mundo-andre-caramy-ru-aubert>. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

⁷ Publicada na revista A Vida Fluminense, conta a história de Nhô Quim, um caipira que se muda para o Rio de Janeiro e se choca com a vida urbana. A intenção desta narrativa é criticar sem despeito os costumes sociais e políticos da época. Foram publicadas 14 histórias entre 1869 e 1870, sendo nove desenhadas por Agostini e outras cinco por Cândido A. de Faria.

que não eram habituados a nova língua, “e, por isso, as imagens funcionavam como fator universal na produção de sentido informativo” (Medeiros Neto, 2018, p. 23).

Figura 4 - Quadros de “The Yellow Kid”



Fonte: Site da Revista Nanquim¹⁰.

The Yellow Kid popularizou em larga escala o uso de balões de fala e a sequência de imagens para contar uma história, além de cunhar o termo “jornalismo amarelo”, conhecido hoje como o jornalismo sensacionalista ou jornalismo marrom. A partir das décadas de 1920 e 1930, a dinâmica dos quadrinhos se desprende dos jornais e começam a surgir os *comics* (no Brasil, as obras locais se popularizaram como gibi), onde permaneceram na tradição dos quadrinhos ficcionais, principalmente com histórias de super-heróis, no entanto, para este trabalho, o foco é apontado apenas para conteúdo de não-ficção.

1.2 Jornalismo em quadrinhos: uma nova práxis

Clóvis Rossi (1995) crê que o jornalismo, desvinculado de definições acadêmicas, é uma sedutora diligência pela conquista das mentes e corações das miras que, neste caso, são os leitores, telespectadores ou ouvintes. A batalha

¹⁰ Disponível em: <https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>. Acesso em 29 de março de 2025.

perspicaz usa uma arma de aparência inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão e outros meios, de imagens. A necessidade de reinvenção da prática jornalística, como a chegada do *New Journalism* na década de 1960, que trazia em um mesmo texto a mescla de características literárias como a descrição de cenas, deslocamento da perspectiva do narrador e detalhamento de personagens, com o jornalismo, ascendeu o jornalismo engessado e conservador feito nas redações à posição de “arte” ou literatura, como se a contracultura que estava nascendo naquela época se manifestasse na área jornalística (Coração, 2009, p.1-2). Conforme Neto (2018), é a partir da aproximação das artes e a contracultura que os quadrinhos ganham amplitude estética e discursiva.

Para Santos (2020), a sociedade industrial trouxe um universo de imagens e recursos visuais comercializáveis no século XX, sendo incorporadas pela imprensa a fim de seduzir o público e fincar o jornalismo objetivo baseado em fatos apurados. A fotografia, por exemplo, se encaixou como elemento de fascínio. Assim, a interpolação de interpretações das imagens e textos começaram a se manifestar, tornando-se para além de um só elemento, uma fórmula visual acessível e, fundamentado na busca de fazer um jornalismo inovador, surge o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ).

O jornalismo e os quadrinhos se relacionam desde as charges, cartuns e tiras, normalmente publicadas em jornais e com temas pertinentes à prática jornalística. Dutra e Debom (2021) afirmam que o uso dos recursos das HQs no jornalismo já existia muito antes da criação desse campo, por exemplo, pela ilustração sequencial, o infográfico sequencial e a reconstituição quadrinizada de fatos.

O clássico *Maus*, de Art Spiegelman, primeira HQ a ganhar o prêmio *Pulitzer*¹¹. Lançada da década de 1980, o autor retrata, através de uma sequência ilustrada, a história de vida do seu pai, sobrevivente do holocausto da Segunda Guerra Mundial. Apesar de ter caráter biográfico, o material era reconhecido como uma história de não-ficção e não propriamente como JHQ.

¹¹Criado em 1917, o Prêmio Pulitzer é um dos mais prestigiados do jornalismo, concedido também a destaques da música e literatura.

Figura 5 - Página da HQ “Maus”



Fonte: Spiegelman (1987, p.4).¹²

A expressão “Jornalismo em Quadrinhos” começa a ser de fato usada apenas em 1992, quando não existia uma categoria para encaixar a HQ *Palestina*¹³ do jornalista maltês Joe Sacco, que durante sua viagem à Palestina para a produção de uma HQ autobiográfica, percebeu que sua postura não era de apenas quadrinista, sentia que estava sendo jornalista em primeiro plano. “Sacco apurou, entrevistou e, ao fim, não foram suas próprias histórias que ele transformou em relato, mas as histórias das pessoas que encontrou por lá” (Paim, 2023, p. 20).

¹² Disponível em:

<http://historiaequadrinhosnrelondrina.pbworks.com/w/file/fetch/49222421/Maus%20Vol.%20I%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20de%20um%20Sobrevivente.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2025.

¹³ A obra é resultado das experiências de Sacco no conflito entre Cisjordânia e Faixa de Gaza. Com uma vasta pesquisa, conta com mais de 100 entrevistas com judeus e palestinos e traz um panorama histórico do conflito, com narrativas, diálogos e seu próprio testemunho no formato de JHQ.

Figura 6 - Página da JHQ “Palestina”



Fonte: Site Vitralizando¹⁴

O JHQ é um estilo de histórias de não-ficção baseadas em técnicas de apuração jornalísticas (como a identificação de fontes, observação dos fatos e pesquisas) que busca retratar a exatidão do fato, sendo esta a principal diferença das abordagens ficcionais. Segundo Sacco (2016), o formato traz perguntas relacionadas às impressões visuais e busca referências da memória para reconstituir a cena a partir da realidade vivenciada pelas fontes. Para Guimarães e Silva (2003), podemos conceituar o JHQ como:

[...] um gênero que une as linguagens do jornalismo e dos quadrinhos utilizando ambientação histórica necessária para o entendimento das reportagens, caracterização de personagens reais de acordo com a sua verossimilhança de comportamento e referência imagética, além da liberdade para trabalhar a narrativa usando de recursos dos textos encontrados no *new journalism*, sem se prender essencialmente a uma visão autobiográfica (Guimarães, Silva, 2003, p. 104).

¹⁴ Disponível em:

<https://vitralizado.com/hq/papo-com-joe-sacco-autor-de-palestina-o-que-os-palestinos-tem-a-favor-de-es-alem-de-sua-propria-humanidade/>. Acesso em 6 de agosto de 2025.

As características do *New Journalism*, segundo Medeiros Neto (2018), vão ser realocadas para os quadrinhos também no aspecto visual por meio do estilo gráfico, ou do ritmo do traço autoral, da condução da sequência da história e organização do layout das páginas.

Ponderações acerca da área apontam para uma distinção entre os quadrinhos não ficcionais e o Jornalismo em Quadrinhos: o lugar no qual o segundo se insere. Segundo Dutra e Debom (2021), o JHQ é mais propriamente um campo, e não um gênero dos quadrinhos não-ficcionais, em que há uma abundante gama de formatos a serem reinventados como biografias, manifestos, relatório, entre outros. O Jornalismo em Quadrinhos se encontra entre eles e apresenta uma produção com características próprias. Os autores identificaram narrativas que variam sobre a mídia (seja ela tradicional, exclusiva e não jornalística), periodicidade (coluna, matéria coordenada, séries) e modo de contar história (reportagem, crônica, entrevista, reconstituição, ilustração sequencial), sendo exemplo de como a diversidade e criatividade podem estar presentes nas histórias reais narradas através dos quadrinhos. O campo mantém, de acordo com Rafael Guimarães e Silva (2003, p. 100), “as mesmas responsabilidades encontradas no jornalismo produzido para qualquer outro veículo de comunicação, ou seja, informar, opinar, interpretar e entreter”.

A partir dos anos 2000, ocorreu, conforme Dutra e Debom (2021), uma “explosão” controlada do Jornalismo em Quadrinhos na mídia impressa tradicional, pois na maioria dos casos, os materiais eram experimentações únicas, já que foram poucos os veículos que investiram na publicação regular e planejada de JHQs. No Brasil, o princípio do JHQ se deu pela reconstituição gráfica e sequencial de fatos e crimes no século XX. O artista plástico e sergipano Horácio Hora utilizou de forma aprofundada as recém técnicas desenvolvidas no Brasil na influência de Ângelo Agostini, produzindo uma reconstituição em quadrinhos detalhada sobre o *Crime da Mala*¹⁵, onde trouxe as cenas-chave, identificação do protagonista e a busca da precisão narrativa para ao tema controverso, dando então a este material um impacto comunicacional que “elevou o status da ilustração jornalística à fonte de

¹⁵ O “Crime da Mala”, como foi chamado pela imprensa, ocorreu no Brasil em 1928. O italiano Giuseppe Pistone assassinou sua esposa Maria Mercedes Féa, grávida de seis meses, em São Paulo, e ocultou o cadáver dentro de uma mala tipo baú.

informação histórica e social no Brasil” (Santana; Bari, 2020, p. 2), e sendo referência ao jornalismo, aos quadrinhos e à área criminalística brasileira.

Figura 7 - Restauração da arte original do Crime da Mala feita por Horácio Hora



Fonte: Foto de Valéria Aparecida Bari. Reprodução do acervo de exposição permanente do Museu Histórico Sorocabano.

Segundo Silveira (2007), nomeada “Vanguarda: histórias do movimento estudantil da Bahia”¹⁶, a primeira grande reportagem em quadrinhos produzida no Brasil, em formato tablóide, foi em 2007, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos jornalistas baianos Leandro Silveira, Caio Coutinho e Fábio Franco. A Revista Fórum e a Agência Pública, utilizam o formato em algumas reportagens desde janeiro de 2012 e maio de 2014, respectivamente. Em 2019 surge a Revista Badaró, sendo o primeiro veículo especializado em JHQ no Brasil. A seção HQ de Fato, da Revista O Grito, é fundada em 2022, sendo também integralmente dedicada ao JHQ. Nomes como Alexandre de Maio (Meninas em jogo - 2013)¹⁷ e Carol Ito (Três Mulheres da Craco - 2022)¹⁸ se tornaram relevantes no cenário ao ganharem prêmios com seus trabalhos, assim como a Agência Pública e a Revista Fórum, que dão espaço para materiais de JHQ serem veiculados. O conteúdo dos veículos e jornalistas citados variam entre temas de cunho social, político, ambiental e cultural, contribuindo para a quebra da categorização de que quadrinhos carregam apenas conteúdo infantil e humorístico (Sversuti, 2018).

¹⁶ Publicada como série de reportagens no jornal A Tarde, de Salvador, a reportagem em quadrinhos contém 30 páginas e conta, através de imagens sequenciais, episódios importantes que marcaram a história do movimento estudantil baiano entre 1942 e 2003.

¹⁷ Disponível em: <https://alexandredemaio.com.br/girl-in-play>. Acesso em 23 de abril de 2025.

¹⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tres-mulheres-da-craco/>. Acesso em 23 de abril de 2025.

2 EMISSÃO, CLAREZA E RECONHECIMENTO DA MENSAGEM E AS HQS

Os formatos jornalísticos são os meios de construção das mensagens até os leitores e buscam que as informações sejam transmitidas da melhor forma. Tal pensamento também serve para a fusão com os quadrinhos, uma vez que as ilustrações podem passar ou complementar melhor uma informação comparado a outros formatos pois oferecem ao leitor melhor imersão e entendimento sobre episódios registrados de maneira ocular que, segundo Eisner (1996), a absorção da informação através da imagem fornecida pelos quadrinhos é registrada e processada de maneira melhor.

A acessibilidade da comunicação dentro do jornalismo está ligada de forma direta com o direito à democracia e cidadania (Woberto, Borelli, Romero, 2024). Segundo Lage (2001), a documentação visual dá noção de reportagem ao acontecimento e condicionalmente mostra focos de interesse que escapam ao texto. Para Burke (2004, p. 38), “imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras”. Os jornalistas organizam o mundo, segundo Vizeu e Cerqueira (2016), tornando-o mais compreensível ao “traduzirem” termos de natureza complexa, pois há uma preocupação pedagógica dentro do jornalismo que se faz como a zona de “poder mostrar”, “poder dizer”, “interpretar” e “poder analisar”, sendo um local de mediação e orientação social. Estas identificações didáticas, chamadas de processo pedagógico do jornalismo (Vizeu, Cerqueira, 2016), tomam forma na recorrência de formas textuais, na associação com o imagético e com grafismos.

Com o avanço do pensamento racional, este foi estimulado a criar símbolos, palavras para exprimir suas reflexões e julgamentos, formando a comunicação entre seres humanos e a elaboração de uma cultura, “de uma noção do que é certo e errado, do bem e do mal, condicionados ao meio social a que o indivíduo pertence” (Santos, 2019). Para tanto, observa-se que a ausência de conhecimento de mundo e acesso à informação, seja por razões socioeconômicas ou intelectuais, dificulta o entendimento de assuntos complexos que requerem mais atenção, como por exemplo, a política. Seguindo a linha de raciocínio de E.H. Gombrich, Aumont (1993, p. 81) denomina que a imagem serve para “garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de descoberta do visual”.

Em entrevista concedida à Folha de São Paulo (2001), Joe Sacco destaca que desenhos são capazes de atrair leitores para questões sociais e toma como partido seu próprio círculo social onde acredita ser difícil um amigo seu ter interesse em saber dos conflitos no Oriente Médio, por exemplo e que, “se eles veem um livro de história em quadrinhos, por alguma razão isso parece ser mais acessível a eles. Os quadrinhos têm muito apelo em razão das imagens. Assim, você conquista atenção do leitor e é capaz de contar a eles histórias difíceis e introduzir a informação”.

Com isso, observamos que o uso de imagens para ilustrar situações, é absorvida com mais rapidez, uma vez que esta é percebida na simultaneidade e, quando possível, pode-se ler em um único relance, mas quando há complexidade, ocorre o ato de extrair o significado da imagem ao percorrer detalhes que ajudem a interpretar e captar a intenção do artista (Reilly, 2004), o que cabe ao JHQ de entregar materiais significativos que despertem interesse.

Na Revista Badaró, objeto analisado neste trabalho, a seção de política dá ênfase a temas conflituosos, tanto nacionais quanto internacionais, como invasões territoriais de terras indígenas e explicação do sistema político iraniano, por exemplo. O uso da didaticidade em temas que requerem repertório social e cultural acaba então, por propagar a informação quando traz elementos originários da arte sequencial, como a cronologia dos fatos e o auxílio de recursos visuais como válvula de dinamismo.

[...] o registro pictórico parece condizer com relatos mais emocionais, estabelecendo uma relação diferente com o leitor, já que esta experiência estética se difere de um realismo exacerbado presente no fotojornalismo, por exemplo. Mesmo que uma produção tenha um desenho mais preciso, ainda assim será um desenho. E parece que esta condição é justamente um dos atrativos do sistema em abordar temáticas beligerantes em uma narrativa aparentemente mais leve, ou que pode representar realidades brutais de modo mais lúdico, em uma espécie de confronto com a realidade a partir das criações exclusivas do desenhista repórter. Neste sentido, o JQ pode se valer de sua força cognitiva para evidenciar assuntos e reportagens investigativas, incorporando ao relato emocional uma potencialidade denunciativa, ainda que sua estética relacione dimensões que rompem com padrões jornalísticos (Medeiros Neto, 2018, p. 31-32).

De acordo com Dondis (2003), a busca pelo reforço visual do nosso conhecimento se dá, principalmente, pelo caráter direto da informação ao gerar uma proximidade da experiência real. O autor salienta o ver como uma experiência direta sendo juntada aos dados visuais para representar uma máxima aproximação com a natureza da realidade, logo, a experiência visual humana serve para compreender o

meio e reagir a ele. Nas palavras de Dondis, os objetivos da comunicação visual são:

[...] os mesmos que motivaram o desenvolvimento da linguagem escrita: construir um sistema básico para a aprendizagem, a identificação, a criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas, e não apenas àquelas que foram especialmente treinadas, como o projetista, o artista, o artesão e o esteta (Dondis, 2003, p. 3).

O autor reforça que a linguagem visual é mais direta e intuitiva que a linguagem verbal por si só, por não exigir tradução ou decodificação, isto é, basta ver para compreender. Em certas situações - não há como generalizar neste caso -, basta ver um objeto que já é possível compreender e avaliá-lo, “essa experiência da observação serve não apenas como um recurso que nos permite aprender, mas também atua como nossa mais estreita ligação com a realidade de nosso meio ambiente” (Dondis, 2003, p. 7).

2.1 Criatividade frente à objetividade (e subjetividade)

A liberdade criativa do formato quando relacionada aos padrões das características do jornalismo como a apuração, veracidade e, principalmente, a objetividade, pode sugerir questionamentos sobre a validade do material como relato jornalístico. Em contrapartida, José Arbex (2005, p. 8), em seu texto de introdução da versão brasileira de Palestina, afirma que a objetividade em seu mais puro estado independe do narrador: “já que o sujeito da enunciação do discurso sempre deixará sua marca: mesmo a demonstração de um teorema matemático, completamente impessoal, será marcada pelo estilo do matemático”.

Segundo Medeiros Neto (2018), ainda demorou para que houvesse seriedade na recepção da mescla de texto e contexto visual, principalmente, no primeiro momento, com a fotografia, pois acreditava-se que a adição de elementos poderia poluir o texto informativo ao invés de acrescentar, o que ocasionou ao jornalismo um espaço para explorar novas maneiras de disponibilizar estes recursos com diagramações e disposições de layout inéditas.

Trazendo essa perspectiva para as JHQs, Joe Sacco (2016) defende em seu livro-reportagem em quadrinhos “Notas sobre Gaza”, que a interpretação visual do ilustrador seria mais um filtro a ser levado em consideração:

[...] o leitor deve levar em conta que essas histórias passaram ainda por mais um filtro antes de chegar ao papel - a saber, minha interpretação

visual. [...] para reconstruir a aparência das cidades e dos acampamentos de refugiados de Gaza à época, me validei em grande parte das fotografias disponíveis nos arquivos da Agência de Socorro e Trabalhos da ONU, na cidade de Gaza, além das descrições físicas fornecidas pelos palestinos (Sacco, 2016, p. 8).

Embora o formato use a subjetividade, as medidas de apuração provindas do *ethos* jornalístico, como a busca da verdade e exatidão dos fatos, e a noção da responsabilidade com o público, são fundamentais para que as informações e interpretações do hibridismo busquem proximidade com o real em sensação visual e o leitor entenda que o conteúdo é, de fato, jornalismo. Para tanto, o jornalista tem a “delegação ou representação tácita que o autoriza a ser o ouvido e olho remotos do público” (Lage [s. d.]).

A produção criativa dos ilustradores, recriando uma visão particular pelo traço, pode dar argumentos a esta ideia. Medeiros Neto e Schneider (2019, p. 23) apontam como o senso de realismo é presente nas relações da imprensa com a ilustração:

(...) essa impressão de objetividade pode ser transmitida graficamente a partir de um discurso visual que valorize a representação fidedigna dos espaços e eventos, através de um alto nível de detalhamento, manutenção de proporções ou uso de convenções de representação realista do espaço, como a perspectiva, por exemplo.

A importância de elementos ligados a uma percepção semelhante à realidade introduziu elementos dimensionais no desenho. Saber representar luz, sombra e ângulo ressalta as formas tridimensionais. São recursos para vencer a barreira física de uma folha de papel ou uma tela de computador. A pesquisa visual, como a busca de fotografias de arquivo pessoal, também auxilia a forma de retratar os acontecimentos, dando mais realismo a uma história, por exemplo, não vivida pelo repórter e sim, pela fonte. Para Will Eisner (1996), o estilo de arte, neste caso, é definido como o "visual" e a "sensação" a serviço de sua mensagem, conta uma história, o leitor então irá captar o tom e outros detalhes da narrativa através da arte, pois é ela quem prepara a ambientação e tem valor de linguagem. Desta forma, o Jornalismo em Quadrinhos se faz como uma espécie de documentário visual estático, sendo uma nova forma de retratar a realidade (Portugal, 2010, p. 36).

As disposições que trazem criação, apuração e checagem atreladas a elementos estéticos e criativos, causam estranhamento quando há o encontro do rigor objetivo com o literário (o da criação/subjetividade), mas, apesar das distinções que cada uma apresenta de acordo com seus respectivos gêneros, abrem novas

perspectivas e modalidades narrativas (Martinez, Correio, Passos 2015. *apud* Mesquita, Moraes, 2023, p. 7).

Entendemos, desta forma, que práticas de um campo da arte bastante atravessado pela mídia e pela imprensa, podem ser incorporadas, em movimento contrário, ao fazer jornalístico, que, por sua vez, pode ocupar espaços na arte (como já é realidade no caso de documentários e fotografias presentes em museus, galerias, exposições, ou no caso de reportagens feitas em quadrinhos) (Mesquita, Moraes, 2023, p. 6).

Resende (2002) afirma que, tanto no sentido factual quanto no ficcional, a relevância do discurso vem dos atos concretos ou possíveis que são construídos pelo discurso gerado por uma aliança pressuposta entre texto e leitor. É esta liberdade criativa que proporciona o hibridismo de JHQs com formatos ficcionais, mas sem deixar o eixo da não-ficção de lado – para isso se faz uso das técnicas de apuração –, “justamente por sua condição de produto social e histórico inserido em uma totalidade e dotado de historicidade” (Santos, Miani, 2021, p. 15), tendo riqueza de detalhes e podendo trazer características narrativas da crônica, alegorias de personagens e um narrador onisciente, resultando nesta mescla de narrativas capazes de ofertar ao leitor uma forma criativa de consumir jornalismo.

Ribeiro e Medeiros (2024) apontaram aspectos de hibridismo no JHQ em materiais produzidos na seção especializada “HQ de Fato”, da Revista “O Grito!”, ao total de sete HQs. O material da seção publicado em 2023, foi observado sistematicamente e foram destacados códigos baseados em marcadores narrativos do jornalismo e a presença de elementos textuais e visuais didáticos e artísticos buscando reflexões sobre as formas criativas do JHQ em um espaço especializado que será explicado no próximo capítulo.

3 O PRIMEIRO VEÍCULO COM FOCO EM JHQ

A Revista Badaró foi criada em 2019 com o objetivo de ser o primeiro veículo brasileiro destinado a produção de Jornalismo em Quadrinhos e textos ilustrados, Abrange ainda o formato de texto sem acréscimo de elementos visuais. Expandiu as publicações, que antes eram apenas no formato digital, para o impresso também, sendo este último diferenciado por ter conteúdo mais aprofundado. Por ter estreado em um contexto político conturbado, o veículo se dispôs a adotar uma posição independente, contra-hegemônica, que se faz presente no conteúdo e na forma de abordagem a partir de linguagens como quadrinhos, colagens, ilustrações e infográficos. O material se concentra em pautas políticas, sociais, ambientais e afins, e conta com uma Diretoria-Executiva, além de colunistas, repórteres especiais e ilustradores convidados. Soma cerca de 10.500 seguidores na rede social Instagram, onde costumam ser ativos e publicar trechos de materiais do site, e mais de 600 inscritos na plataforma YouTube, onde publicam entrevistas.

O nome “Badaró” é uma homenagem ao jornalista Giovanni Líbero Badaró, executado em novembro de 1830, durante o período do Primeiro Reinado, por defender a liberdade de imprensa. Este episódio, mais adiante, se tornou um dos motivos da abdicação de Dom Pedro I. A visível postura política e ideológica da revista se inicia pelo próprio nome do veículo, referenciando Badaró, considerado o primeiro mártir da imprensa nacional. Na conjuntura de perseguição política à imprensa independente, Líbero Badaró declarou em seu jornal *O Observador Constitucional*¹⁹: “Altamente declaramos que não temos o menor medo de ameaças. Aconteça o que acontecer, a nossa vereda está marcada e não nos desviamos dela: não há força no mundo que nos possa fazer dobrar, senão a da razão, da justiça”.

Desde a sua criação, a revista tem a intenção de se manter de forma independente, sendo financiada por leitores que consomem o conteúdo e por iniciativas que compartilham dos mesmos vieses, se posicionando a favor das esferas sociais vulneráveis, pondo em prática a frase do editor-chefe da primeira fase do jornal *O Pasquim*, Tarso de Castro (1987 *apud* Revista Badaró, 2019) “Sou parcial mesmo. Não acredito em jornalista que não seja parcial; são babacas”. A frase está no “Manifesto”²⁰ da Revista Badaró, um texto expondo a política editorial,

¹⁹ O Observador Constitucional, número de 17 de setembro de 1830.

²⁰ Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/o-manifesto/>. Acesso em 10 de julho de 2025.

como são pautadas as práticas jornalísticas quanto à técnica, ética e estética, e a natureza do jornalismo que defendem.

O veículo acredita que por conta do cenário atual com a precariedade do trabalho e como consequência, o aumento do negacionismo, os meios de comunicação acabam por se aliar aos interesses de poder, cabendo à imprensa o desafio de reafirmar sua credibilidade. Portanto, para a Badaró, o jornalismo alternativo aliado a visão crítica, tem forças para enfrentar a desinformação e contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. A proposta é baseada no jornalismo atraente, direto e posicionado, “empenhado no embate franco à crescente onda de descredibilização da ciência, da arte e dos profissionais de imprensa” (Revista Badaró, [s. d.], on-line).

3.1 Ilustrando e aplicando a matriz avaliativa

As pesquisas bibliográfica, documental e a análise temática (Braun, Clarke, 2006) foram os métodos utilizados para observação das JHQs. A análise temática é um método qualitativo, segundo Braun e Clarke (2006), passa pela familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, busca por temas, revisão e definição dos temas para a produção de um relatório da análise, proporcionando organização e descrição do banco de dados em ricos detalhes, gerando uma análise interpretativa sobre as informações reconhecidas.

O ponto de partida para a criação da matriz avaliativa que norteou a análise temática desta monografia foi elaborada no contexto do plano de trabalho de iniciação científica (PIBIC 2023-2024) “Análise de imagens e mapeamento de ilustradores da região Tocantina do Maranhão”²¹, com o estudo de reportagens ilustradas e Jornalismo em Quadrinhos. Os livros “Notas sobre Gaza” e “Reportagens” de Joe Sacco, serviram como norteadores para a área do JHQ, possibilitando a identificação de características tanto de apuração jornalística quanto de ilustrações. “Quadrinhos e a Arte Sequencial” e “Narrativas Gráficas”, de Will Eisner, permitiram um aprofundamento maior na parte da ilustração atrelada ao jornalismo, aguçando a percepção de traços e perspectivas que podem ajudar a incrementar a reportagem em quadrinhos. O “Pequeno Manual da Reportagem em Quadrinhos”, de Augusto Paim, complementou o referencial teórico na prática,

²¹ Plano de trabalho integrante da pesquisa “Mapeamento de ilustradores da Região Tocantina”, projeto coordenado pela profa. Yara Medeiros.

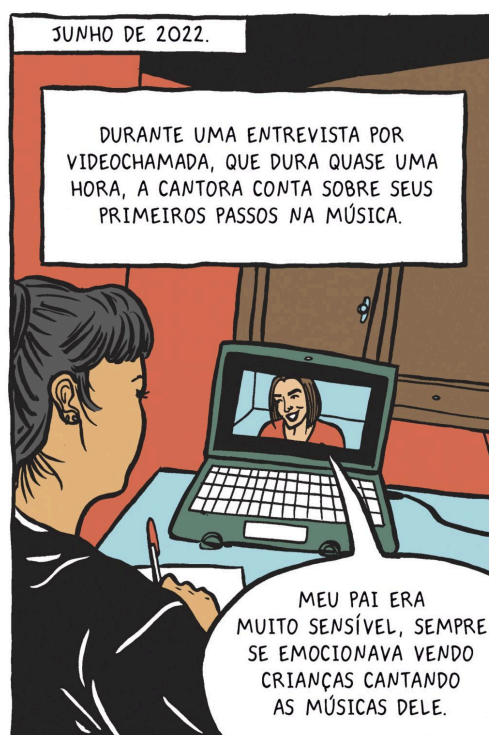
ajudando a ter o passo a passo de como se estrutura uma reportagem em quadrinhos desde a produção de pauta até as ilustrações. Os materiais foram lidos e fichados, servindo para complementar um estudo sobre imagens e analisar uma área do jornalismo na qual a ilustração é a protagonista, sendo o caso do JHQ. A partir destas leituras e da observação sistemática de JHQs, foram identificados códigos demarcadores de características das JHQs.

Na elaboração do primeiro resumo científico intitulado “Jornalismo em Quadrinhos: Características da Produção Especializada na Seção HQ de Fato”²² (Ribeiro e Medeiros, 2024) foi elaborada uma matriz avaliativa para imagens baseada em códigos demarcadores da narrativa jornalística e de formatos híbridos. O objeto foi a revista “O Grito!”, que incentiva a produção no campo desde 2022, quando criou a seção HQ de Fato, integralmente dedicada ao JHQ, explorando este formato com pautas pertinentes à relevância social e à comoção da narrativa sequencial obtida através de HQs. O selo conta com publicações de reportagens investigativas, entrevistas e matérias aprofundadas. Inicialmente, foram encontrados dois grupos de representações narrativas como códigos demarcadores das sete HQs da amostra:

1. aqueles com elementos explícitos do campo jornalístico (figura 7), que buscam representar o universo da reportagem e apuração da informação objetiva (imagem do repórter em cena, falas do personagem respondendo a entrevista, uso de aspas, aparecimento de ferramentas de apuração, demarcação de uso de fontes e elementos didáticos);
2. aqueles que trazem elementos comuns nas narrativas ficcionais (figura 8) com elementos lúdicos e visões pessoais (uso de alegoria, criação de personagens, narrador onisciente e observação pessoal).

²² Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, linguagens e quadrinhos, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

Figura 8 - Quadro da JHQ “O Novo Sempre Vem”



Fonte: Carol Ito em HQ de Fato²³.

Figura 9 - Quadro da JHQ “Neosacerdotisas: revolução íntima e o renascimento feminino”



Fonte: Julia Moa e Bennê Oliveira em HQ de Fato²⁴.

²³ Disponível em: <https://revistaogrito.com/o-novo-sempre-vem/>. Acesso em 11 de abril de 2025.

²⁴ Disponível em: <https://revistaogrito.com/hq-de-fato-neosacerdotisas/>. Acesso em 11 de abril de 2025.

Em um segundo trabalho, “Características do Jornalismo em Quadrinhos da revista especializada Badaró”²⁵ a mesma matriz foi aplicada em 12 narrativas publicadas em 2024 pela Revista Badaró, na seção Quadrinhos, e foram destacadas as fontes de informação e os códigos narrativos do jornalismo e/ou a presença de elementos textuais e visuais didáticos e artísticos como a imagem do repórter em cena, imagem do personagem respondendo a entrevista, uso de aspas, imagem de ferramentas de apuração, informação de uso de fontes documentais, elementos didáticos, uso de alegoria, criação de personagens, narrador onisciente e observação pessoal.

Na JHQ da figura abaixo, por exemplo, observou-se o uso do narrador onisciente e uso de fontes documentais.

Figura 10 - Quadro da JHQ “Invasão Zero’: A milícia ruralista que está no centro do assassinato de líder pataxó”



Fonte: Arthur Santana e Norberto Liberator em Revista Badaró²⁶.

²⁵ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²⁶ Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/invasao-zero-a-milicia-ruralista-que-esta-no-centro-do-assassinato-de-lider-pataxo/>. Acesso em 15 de abril de 2025.

Nesta (figura 11), observou-se o narrador onisciente em oito quadros, sem uso de falas de personagens e riqueza de detalhes nos desenhos em preto e branco, principalmente nos personagens citados, que são representados visualmente.

Figura 11 - Quadro da JHQ “Ruanda e Congo-Kinshasa: Chagas compartilhadas”



Fonte: Norberto Liberator em Revista Badaró²⁷.

Observa-se nas figuras que a combinação de elementos subjetivos e objetivos se complementam para passar a informação, como o repórter apurando em cena, os traços das ilustrações que se assemelha ao real e o uso de um personagem alegórico. É neste cruzamento entre subjetividade e objetividade que este trabalho se fundamenta, indicando elementos narrativos das duas áreas.

A partir da experiência com a produção do resumo e do artigo científico citados, a matriz avaliativa elaborada foi definida como método de análise do corpus desta monografia.

²⁷Disponível em:

<https://www.revistabadaro.com.br/ruanda-e-congo-kinshasa-chagas-compartilhadas/>. Acesso em 15 de abril de 2025.

Para a aplicação da matriz avaliativa foram selecionadas 14 JHQs publicadas durante novembro de 2024 a maio de 2025, período de escrita deste trabalho, no site da Revista Badaró, na seção Quadrinhos, com temas relacionados à política. A editoria de política ocupa um lugar essencial no jornalismo por tratar de decisões, estruturas e relações que afetam diretamente a vida em sociedade. No entanto, por lidar com temas complexos, como ideologias, legislação, economia e relações institucionais, exige do leitor um repertório prévio mais vasto, ou seja, um maior entendimento de mundo. Tal complexidade torna a editoria de política frequentemente inacessível à população, sobretudo quando a linguagem utilizada é técnica ou distante da realidade cotidiana. Com o uso da arte sequencial, a propagação da informação é maior por prover elementos que auxiliam tanto no visual quanto na didática mais simplificada.

Tabela 1 - JHQs selecionadas da editoria de política da Revista Badaró de novembro de 2024 a maio de 2025

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
Afimal. o que é Hezbollah?	1 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator
Como funciona o sistema político iraniano	7 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator
O impacto dos incêndios sobre comunidades tradicionais pantaneiras	11 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator
Entenda o plano do entorno de Bolsonaro para matar Lula, Alckmin e Moraes	20 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator
COP 29 e o 'greenwashing' do governo do Azerbaijão	22 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator
Indígenas de MS: castigados por pedir água	30 de novembro de 2024	Arte de Mannu Leones e roteiro de Norberto Liberator
Golpe contra Assad não representa libertação, muito menos melhoria para a Síria	11 de dezembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator
O que são retomadas indígenas e por que elas ocorrem em MS	14 de janeiro de 2025	Por Melissa Aguiar, Mylena Fraiha e Norberto Liberator
Giro pelo mundo: crise do Pix, cessar-fogo cancelado, posse de Trump e mais	17 de janeiro de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
Lei 14.786: Uma conquista das mulheres	19 de fevereiro de 2025	Arte e roteiro de Maju Montero
Na linha de frente contra a misoginia	29 de março de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator
Casos mais graves que o de Glauber nunca foram punidos na Câmara	17 de abril de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator
‘Acuse-os do que você é’: Caso Agraer e relações suspeitas	10 de maio de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator
Nakba: o início da tragédia palestina	15 de maio de 2025	Arte de Norberto Liberator e roteiro de Mylena Borges

Fonte: elaborada pela autora

3.2 Traçando a análise

Para compreender como o Jornalismo em Quadrinhos se manifesta em um espaço especializado, foi realizada uma análise de 14 publicações da Revista Badaró, sendo organizadas em ordem cronológica, abrangendo o período de novembro de 2024 a maio de 2025, e observadas a partir da matriz avaliativa já mencionada. A análise buscou identificar a presença de fontes jornalísticas e os códigos narrativos específicos do JHQ, considerando elementos textuais (como entrevistas, falas diretas e contextualizações) e visuais (como recursos didáticos, alegorias e estratégias gráficas).

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
1. Afimal, o que é Hezbollah?	1 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Explica o que é o partido político libanês Hezbollah. Na figura 12 percebe-se um narrador onisciente (uso de terceira pessoa). Quanto às ferramentas de apuração, apresenta informações de fontes documentais embasando o conteúdo com ilustrações de um apresentador de jornal acompanhado de balão de fala e a notícia na internet acompanhada por um balão de fala que remete a notícias de rádio. da pessoa que está lendo.

Traz também a apuração em forma de serviço (figura 13) com sugestões de leitura para maior aprofundamento do tema. Utiliza um organograma (figura 14)

como elemento didático para facilitar o entendimento de hierarquia, além de ilustrações dos rostos dos envolvidos que favorecem o reconhecimento

Figura 12 - Uso de verbos na terceira pessoa, ilustração do apresentador, rostos dos envolvidos e balões de fala



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 13 - Imagem do final da JHQ expondo o serviço



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 14 - Ilustrações dos rostos dos envolvidos e organograma



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
2. Como funciona o sistema político iraniano	7 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Aborda o complexo sistema político do Irã e a disputa interna de grupos locais. Há um narrador onisciente e ilustrações das pessoas que estão sendo mencionadas com predomínio das cores verde, vermelho e branco, em alusão à bandeira do país, servem como elementos didáticos para situar as informações ao leitor (figura 15).

Ainda quanto aos elementos didáticos, a linha do tempo dos fatos é usada para facilitar a compreensão dos acontecimentos até os dias de hoje, assim como a descrição de cargos, funcionamento dos poderes e a quantidade de eleitos por cada grupo político do país, como observado na figura 16. Há um único balão de fala no final da HQ e o uso de fontes documentais é implícito, como na ilustração que

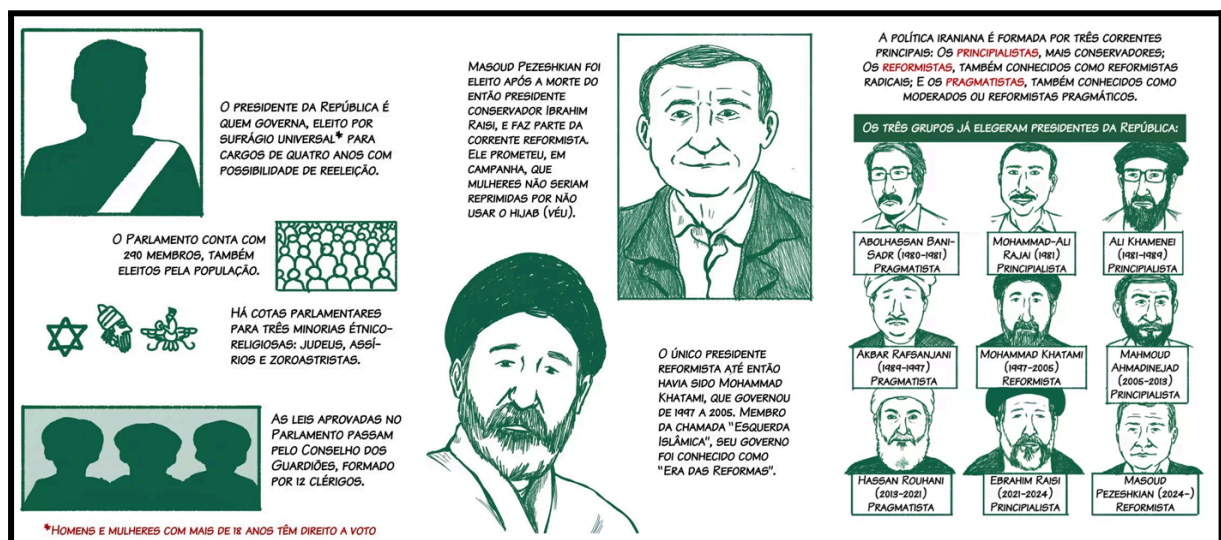
mostra o personagem discursando (figura 17).

Figura 15 - Ilustrações de pessoas mencionadas e cores em alusão à bandeira do país



Fonte: Site da Revista Badaró

Figura 16 - Linha do tempo dos fatos, descrições de cargos, funcionamento dos poderes e políticos já eleitos



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 17 - Uso de balão de fala e fonte documental implícita



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
3. O impacto dos incêndios sobre comunidades tradicionais pantaneiras	11 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

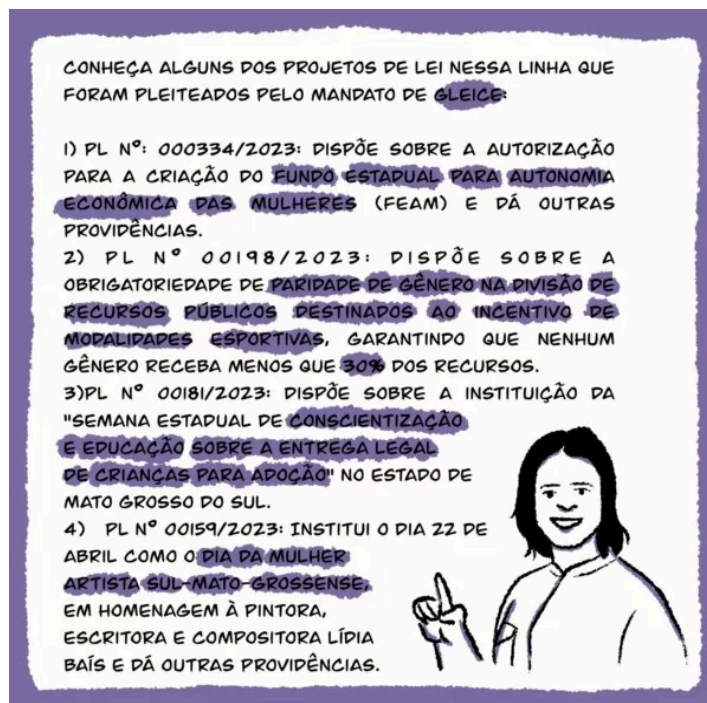
Trata sobre o início da viagem da deputada Gleice Jane para compreender as demandas das comunidades tradicionais do Pantanal e debater soluções. Na figura 18, o narrador onisciente é acompanhado da fonte documental e institucional do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, destacado em vermelho. Um único balão de fala, a cor roxa é usada como elemento estético e didático por ser relacionada à luta feminina e já foi observado em outros materiais da revista que envolvem a deputada Gleice (figura 19). É uma notícia patrocinada, como uma assessoria em quadrinhos, que fica explícito no último quadrinho quando é posto um panfleto informativo do evento (figura 20).

Figura 18 - Uso de verbos na terceira pessoa, fonte documental e institucional e balão de fala



Fonte: Site da Revista Badaró.

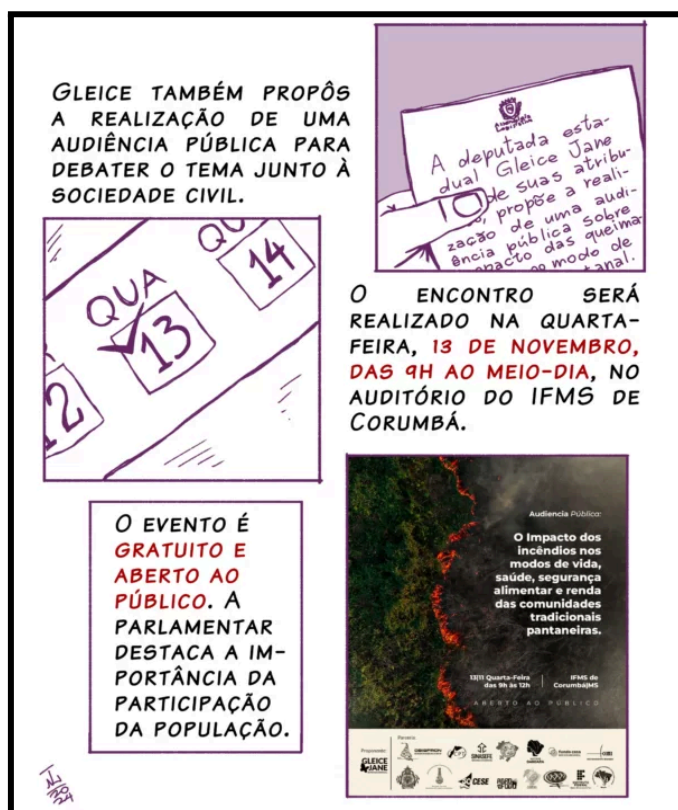
Figura 19 - Quadro da JHQ “8 de março: Flores ou espinhos?”²⁸, de 2024



Fonte: Site da Revista Badaró.

²⁸ Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/8-de-marco-flores-ou-espinhos/>. Acesso em 29 de junho de 2025.

Figura 20 - Quadro da JHQ explicitando o panfleto informativo

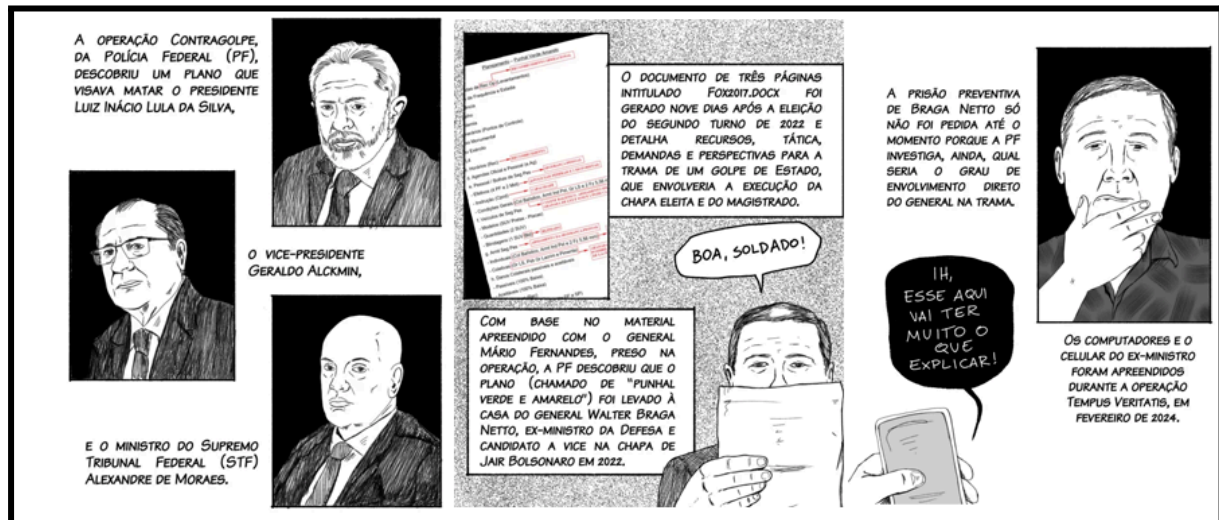


Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
4. Entenda o plano do entorno de Bolsonaro para matar Lula, Alckmin e Moraes	20 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Explica o suposto plano redigido no Planalto e discutido na casa de vice de Bolsonaro. Na figura 21, com um narrador onisciente, são utilizados balões de falas para identificar personagens envolvidos no plano. O uso de preto e branco como elemento estético para enfatizar o momento torpe, assim como o vermelho para explicar os termos de um documento apresentado em um quadro e remeter ao sangue no final (figura 22). A ilustração dos envolvidos facilita o reconhecimento dos envolvidos. O uso de termos como “Boa, soldado!” e “Ih, esse aqui vai ter muito o que explicar”, são licenças poéticas para a interpretação das falas dos personagens, caracterizando um elemento ficcional.

Figura 21 - Balões de fala, verbos em terceira pessoa, uso do preto e branco e vermelho para destacar informações



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 22 - Uso do vermelho para remeter ao sangue e balões de fala



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
5. COP 29 e o 'greenwashing' do governo do Azerbaijão	22 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Trata sobre conflitos no Azerbaijão e a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2024. Na figura 23, a partir de um narrador onisciente, observa-se uso de balões de fala de duas pessoas relevantes e relacionadas ao tema a partir de entrevistas concedidas a outros veículos, marcando também o uso de fontes documentais. O uso dessas personagens conhecidas é como uma ferramenta para indicar que a luta do tema tratado é debatida por grandes nomes, indo além dos civis anônimos.

Na figura 24, a linha do tempo dos acontecimentos é um elemento didático para situar o leitor e ajudar a entender como se deu a limpeza étnica mencionada no conteúdo. A ilustração da planta sangrando indica uma metáfora, trazendo então um elemento ficcional. A feição do personagem Aliyev sorrindo (figura 24) é útil como um indicador quanto à ausência de preocupação para lidar com a pauta, como uma espécie de metáfora para o sadismo do personagem.

Figura 23 - Uso de verbos em terceira pessoa, balões de fala e ilustração de uma planta sangrando



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 24 - Linha do tempo dos fatos e personagem sorrindo



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
6. Indígenas de MS: castigados por pedir água	30 de novembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Traz a truculência contra a população de aldeias do MS que são comandadas por elites agrárias. Na figura 25, a partir de um narrador onisciente, apresenta a ilustração dos envolvidos como recurso didático para facilitar a visualização, além do predomínio da cor bege para remeter à seca e apatia e o vermelho para ilustrar o sangue. A ilustração do ouvido sangrando remete à uma violência que ocorreu, filmada e compartilhada pelas vítimas, sendo uma metáfora também para indicar a rejeição de uma mensagem (neste caso, a indiferença do governo com a situação). Nesta sequência, é o primeiro material que não foi ilustrado por Norberto Liberator, sendo perceptível a diferença nos traços usados pelos artistas.

Figura 25 - Verbos em terceira pessoa, ilustração dos envolvidos, predomínio da cor bege e vermelho destacando o sangue

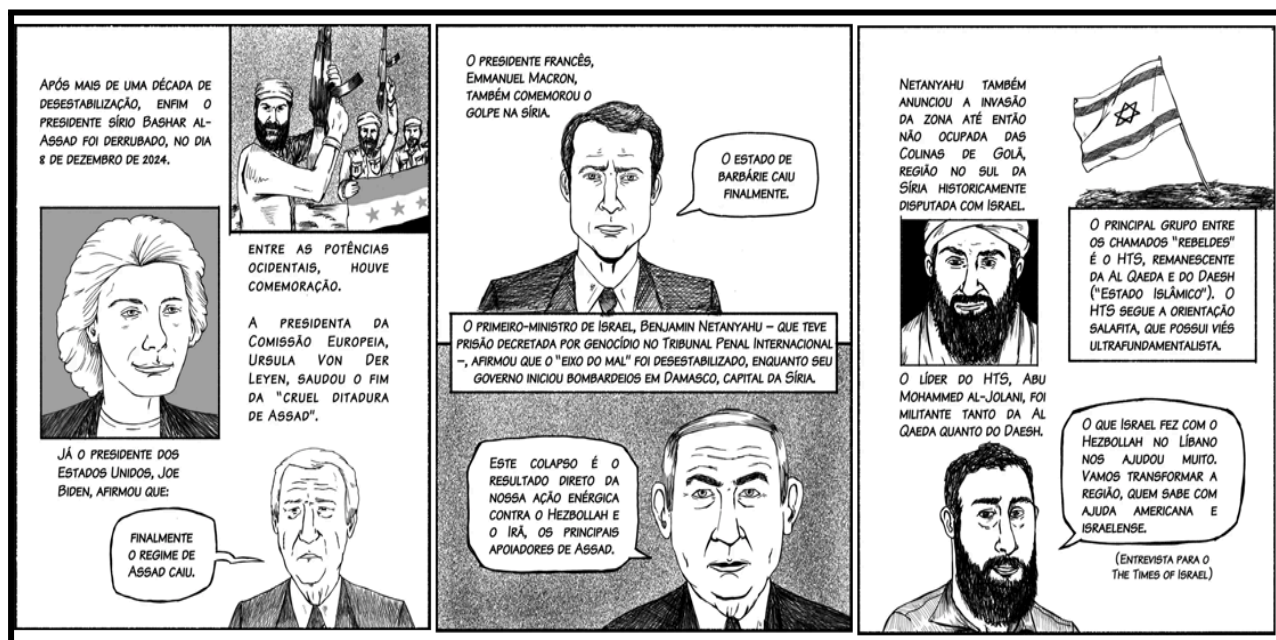


Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
7. Golpe contra Assad não representa libertação, muito menos melhoria para a Síria	11 de dezembro de 2024	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Trata sobre as reações de alguns políticos sobre a queda do presidente sírio Bashar Al-Assad e a desestabilização política da Síria. Na figura 26, com narrador onisciente, o material faz uso de fontes documentais, como balões de fala e entrevista dada ao veículo *The Times of Israel*. As ilustrações das pessoas mencionadas trazem didatismo para facilitar a identificação das autoridades, assim como o predomínio do preto e branco, e sombras para remeter ao clima de tensão. Também recorrem à fonte documental, balões de fala a partir de uma entrevista cedida ao veículo Folha de São Paulo (figura 27), no entanto, não explicita a fonte das falas dos balões no último quadro do material.

Figura 26 - Verbos em terceira pessoa, balões de fala, explicitação de fontes e ilustrações dos mencionados



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 27 - Balões de fala sem demarcação de fontes



Fonte: Site da Revista Badaró

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
8. O que são retomadas indígenas e por que elas ocorrem em MS	14 de janeiro de 2025	Por Melissa Aguiar, Mylena Fraiha e Norberto Liberator

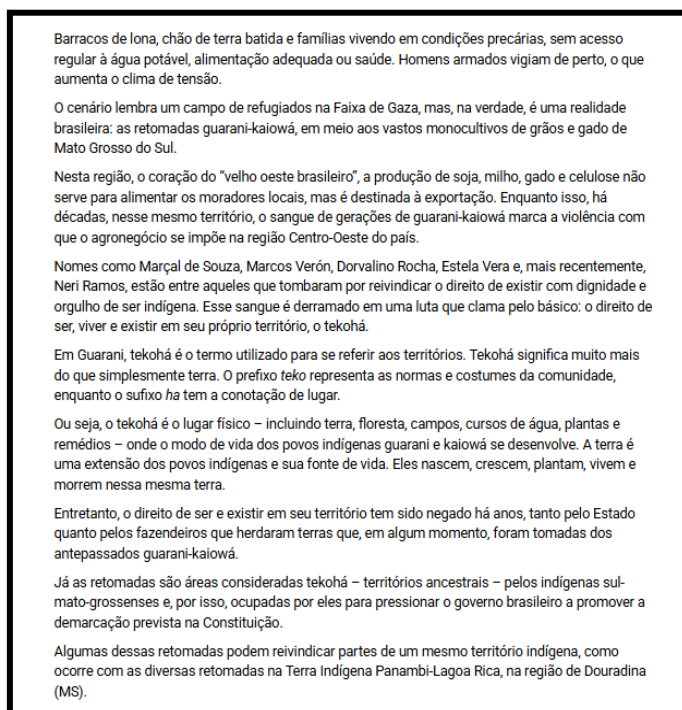
Aborda a reivindicação de terras dos guarani-kaioiwá que ocupam 3% de MS, mas que estão tomadas por monocultivos de grãos e gado. Com narrador onisciente, o material é uma mescla de quadrinhos (figura 28) e texto (figura 29). Traz um quadro ilustrado para cada parágrafo de informação, dando didaticidade à imaginação sobre o assunto. Ainda apresenta fonte documental e institucional que contextualizam o fato (figura 30). O texto abaixo dos quadrinhos traz informações mais aprofundadas, como uma espécie de opinião que fica evidente com os tons de questionamentos em relação ao tempo que o Estado continuará negligenciando o direito dos guarani-kaioiwá de viver em seus territórios tradicionais.

Figura 28 - Uso de terceira pessoa e ilustrações que complementam os textos ao lado



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 29 - Parte textual da JHQ “O que são retomadas indígenas e por que elas ocorrem em MS”



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 30 - Explicação de fonte institucional

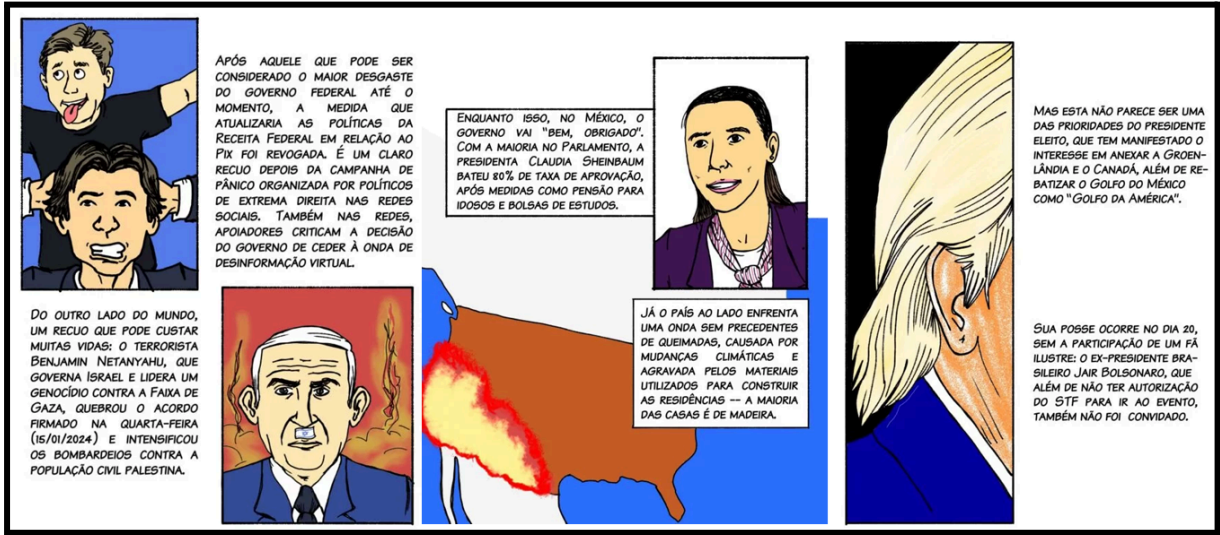


Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
9. Giro pelo mundo: crise do Pix, cessar-fogo cancelado, posse de Trump e mais	17 de janeiro de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator

É um boletim ilustrado dos principais acontecimentos da semana. Na figura 31, com narrador observador, os quadros coloridos são conduzidos por ilustrações dos personagens com ações que marcaram os momentos (como a caricatura já conhecida do deputado Nikolas Ferreira e Benjamin Netanyahu tendo uma bandeira como bigode, referenciando Hitler) e que são utilizados como elementos de humor e ironia, respectivamente.

Figura 31 - Verbos em terceira pessoa e ilustrações de personagens mencionados



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
10. Lei 14.786: Uma conquista das mulheres	19 de fevereiro de 2025	Arte e roteiro de Maju Monteiro

Aborda o protocolo de segurança em bares e casas noturnas que se tornou lei em 2023. Aqui é exposto uma capivara que fala como narrador personagem, demarcando o uso de alegoria. O material é uma parceria entre a Badaró e a Cervejaria Capivaras (figura 32). A capivara é símbolo da cidade de Campo Grande (local onde fica a sede da Badaró e da Cervejaria). Como já vista em outros materiais da revista, a cor roxa é em alusão às mulheres (figura 19). Os balões de

fala são usados tanto para o narrador alegórico quanto para os personagens que aparecem no último quadro da matéria (figura 33). A escolha de imagens de manifestações para ilustrar demonstra a necessidade de cobrar direitos a partir deste reforço visual sobre a participação e importância de participar destes momentos. Quanto à perspectiva gráfica, é perceptível a mudança de estilo, já que foi feito por outra ilustradora, a Manu Lopes.

Figura 32 - Aparição do narrador alegórico e balões de fala



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 33 - Balões de fala do narrador alegórico e das demais personagens



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
11. Na linha de frente contra a misoginia	29 de março de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator

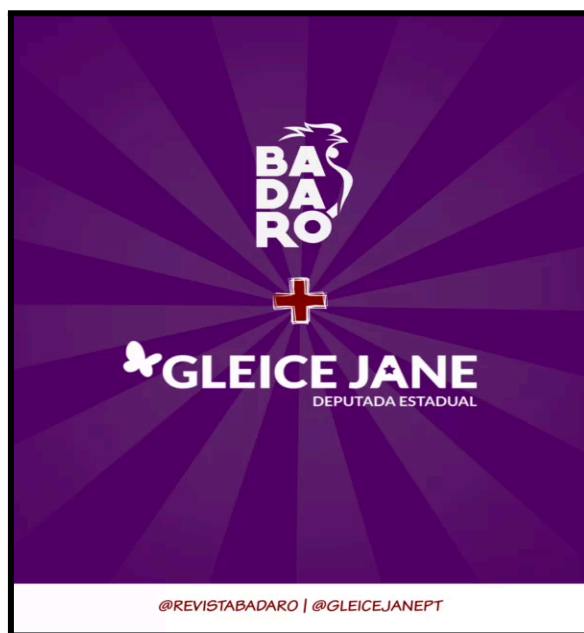
Trata sobre projetos que buscam o enfrentamento e prevenção de violência contra à mulher. Nele, é exposto um narrador onisciente que traz fontes documentais de projetos de leis propostas pela deputada (figura 34), além da cor roxa como alusão ao conteúdo de cunho à mulher, como visto em outros materiais (figura 32). O layout é exposto de modo didático. A pauta é resultado de uma parceria entre a revista e o mandato da deputada Gleice Jane, como explicitado na última imagem da matéria (figura 35), tornando-se um material de assessoria.

Figura 34 - Aparição de fontes documentais e leis propostas pela deputada



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 35 - Explicitação da parceria



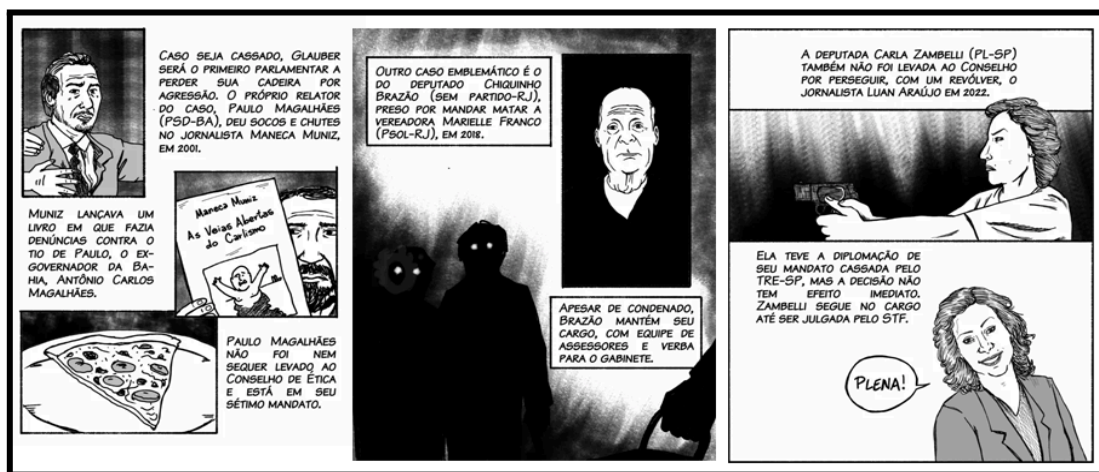
Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
12. Casos mais graves que o de Glauber nunca foram punidos na Câmara	17 de abril de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Aborda o processo de cassação de Glauber Braga e outros casos de agressão e quebra de decoro. Na figura 36, com narrador observador, os exemplos com ilustrações dos mencionados servem como recurso didático para relembrar os casos semelhantes, trazendo balões de fala e ilustrações em preto e branco, e sombras para contextualizar a atmosfera de tensão. A ilustração da pizza remete à uma fala real do deputado federal Paulo Magalhães. Ele disse “acredito que em pizza certamente não vai acabar”, quando perguntado sobre a briga na qual estava envolvido.

No último quadro (figura 37) é usada uma fotografia colorida para ilustrar e enfatizar um caso de agressão grave que não teve punição. O uso da fotografia convencional e não uma ilustração funciona como um recurso que remete à objetividade jornalística, ao registro visual no local.

Figura 36 - Uso de verbos em terceira pessoa, exemplos para relembrar casos, ilustração de pizza que remete à fala real e balão de fala



Fonte: Site da Revista Badaró.

Figura 37 - Uso de uma fotografia real e balão de fala



Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
13. ‘Acuse-os do que você é’: Caso Agraer e relações suspeitas	10 de maio de 2025	Arte e roteiro de Norberto Liberator

Aborda sobre o vereador bolsonarista que tentou ligar esquema de grilagem ao PT. Traz um narrador onisciente com balões de falas dos mencionados. Os elementos didáticos são conectados por uso de fontes documentais extraídas de um portal de notícias e explicação de sigla, além do uso de preto e branco para ilustrar a inquietude do tema (figura 38). O uso das expressões “E o PT, hein?” e “Ih... deu ruim!” são uma interpretação ficcional das reações ao fato, incluindo humor na narrativa.

Figura 38 - Demarcação do uso de fontes documentais e balões de fala

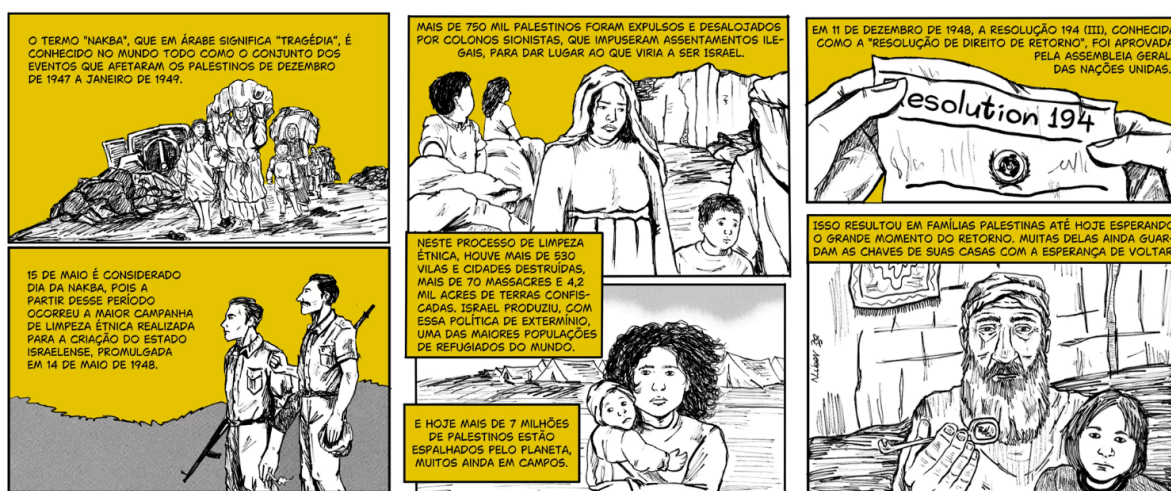


Fonte: Site da Revista Badaró.

Título da JHQ	Data da publicação	Autores
14. Nakba: o início da tragédia palestina	15 de maio de 2025	Arte de Norberto Liberator e roteiro de Mylena Borges

Aborda o Nakba, eventos que afetaram os palestinos de 1947 a 1949. Na figura 39 percebe-se o uso de terceira pessoa, passo a passo e os personagens apresentados não são identificáveis como os demais materiais anteriores.

Figura 39 - Quadros da JHQ “Nakba: o início da tragédia palestina”



Fonte: Site da Revista Badaró.

3.3 Discussão dos resultados

Nas JHQs selecionadas, foram observados diferentes formatos tais como notícia (“Giro pelo mundo: crise do Pix, cessar-fogo cancelado, posse de Trump e mais”), nota informativa (“Na linha de frente contra a misoginia”) ou didáticas (“O impacto dos incêndios sobre comunidades tradicionais pantaneiras”), como um tipo de assessoria. No entanto, não houve a identificação do gênero reportagem, em sua configuração clássica, com entrevista e apuração *in loco*. Os materiais são baseados em fontes documentais e retiradas de outros veículos, não foram realizadas entrevistas diretas para a própria revista. Em alguns momentos podem causar até uma certa confusão ao leitor, pois da forma em que são apresentados os balões de fala e a imagem do personagem, subte-se que a entrevista foi concedida diretamente ao veículo. O tom didático é encontrado em grande parte dos

materiais analisados, funcionando como uma espécie de guia para entender a temática apresentada.

O emprego do narrador onisciente é o formato mais visto, o narrador-personagem aparece apenas em “Lei 14.786: Uma conquista das mulheres”, sendo ainda como uma alegoria. Quanto à perspectiva artística, nota-se o predomínio de ilustrações referentes aos personagens que são citados, como um tipo de retrato falado, remetendo às características do jornalismo do compromisso com a realidade. O uso de cores, quando utilizado, é feito de forma sutil e simbólica, normalmente para enfatizar elementos atrelados à temática (vermelho para o sangue e roxo em relação à mulher, por exemplo). O preto e branco é usado com frequência nas matérias de política brasileira, subentendendo-se uma atmosfera de tensão, assim como o uso de sombreamento e traços mais rudimentares nas ilustrações que retratam assuntos de miséria e caos, reforçando os métodos usados no JHQ que referenciam os cânones da objetividade jornalística e ao estilo estético de Joe Sacco.

Os elementos advindos da narrativa ficcional são vistos com o uso de alegoria de personagem relacionado ao conteúdo tratado. O narrador onisciente proporciona um controle narrativo mais amplo, facilitando a organização dos fatos tornando a narrativa mais envolvente e interpretativa, sem necessariamente comprometer a fidelidade aos fatos. O uso de balões de fala com frases reais dos personagens abrange uma licença poética que se aproxima mais da realidade.

O universo do jornalismo é representado pelo aparecimento das ferramentas de apuração, assim como a demarcação do uso de fontes, como a explicitação dos veículos nos quais as informações foram retiradas e as ilustrações dos que estão sendo citados. A fotografia utilizada em uma das matérias explicita os cânones jornalísticos, sendo um elemento que lembra que, apesar do formato de arte sequencial, o material ainda é uma narrativa de jornalismo.

As principais temáticas foram questões de denúncia, violência e direitos humanos violados, dando ênfase às informações sobre temas conflituosos, denunciando de forma clara e citando nomes envolvidos, sendo assim condizentes com a proposta do veículo, exposta no Manifesto, de fazer um jornalismo engajado, de posição independente e contra-hegemônico.

Percebe-se que nas 14 JHQs analisadas neste trabalho, existe o predomínio de um roteirista e ilustrador, no caso, o Norberto Liberator, que conserva seu estilo

de ilustrar e desenvolver as temáticas, o que ocasiona uma constante quanto a forma de enquadramento dos conteúdos, perspectiva de desenhos e evidenciando o viés pessoal. Percebeu-se que há a escolha de explicar temas e fatos, esclarecendo-os de forma instrutiva, lúdica e até mesmo com um tom de ironia em assuntos complexos.

Dialogando com as outras 12 JHQs da Revista Badaró analisadas no artigo “Características do Jornalismo em Quadrinhos da revista especializada Badaró” (Ribeiro; Medeiros, 2024b), nota-se que há uma maior quantidade de ilustradores e roteiristas, potencializando diferentes formas de abordagens, traços e perspectivas, o que resulta na diversidade de conteúdo e estilos, assim como nas sete JHQs analisadas no resumo “Jornalismo em Quadrinhos: Características da Produção Especializada na Seção HQ de Fato”, no qual é observada a variada autoria dos materiais e a frequência do uso de narrativas híbridas e elementos comuns da ficção como personagens alegóricos.

A partir disto, constata-se que quando há maior abrangência de produtores dos materiais, consequentemente a diversidade de conteúdo será maior por abordar diferentes interpretações e detalhes, trazendo em pauta também a questão das teorias do jornalismo, como o *gatekeeper*²⁹, que seleciona o que entrará ou não no veículo de comunicação e, neste caso, as abordagens sempre partirão do propósito e posição de causas defendidas pelo veículo, explicitadas no Manifesto, assim como o enquadramento jornalístico, favorecendo os ideais e pontos de vista de quem elabora o material, mas sempre na linha da política editorial.

Por mais que aqui o hibridismo advindo do JHQ se manifeste de maneira mais tímida, a Revista Badaró ainda colabora com o melhor entendimento do leitor por dispor estas ilustrações atreladas ao dinamismo de sintetização de informações, auxiliando os caminhos de uma narrativa fluída e acessível.

²⁹ O termo surgiu em 1947, advindo da psicologia e criado pelo psicólogo Kurt Lewin, foi aplicado ao jornalismo na década de 1950 por David Manning White, que concluiu que a forma de escolher as notícias são subjetivas e arbitrárias. A teoria implica que toda a mensagem antes de vir ao público passa por uma porta, sendo o jornalista o guardião desta, tendo o poder de seleção do que adentra ou não.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ilustração é uma constituinte essencial da comunicação nesta área ao contribuir com o processo de tradução da informação com uma linguagem direta e seu atrativo de palavras e imagens. Ao longo deste trabalho, foi explicitado como o jornalismo visual se ampliou na construção narrativa. A expansão criativa dentro da esfera jornalística, em especial o JHQ e o hibridismo com elementos narrativos que flertam com o ficcional e com formas poéticas, representam a ruptura com os modos mais tradicionais do fazer jornalístico, no qual esse tipo de licença nem sempre foi aceita.

O formato traz movimento ao cenário da inovação. Através da arte sequencial, uma riqueza de detalhes pode ser estabelecida, gerando interesse visual. O Jornalismo em Quadrinhos se firma a partir do momento que há o embasamento histórico dos fatos e explicitação de fontes, regra fundamental para classificar abordagens de não-ficção. A preocupação ética e estética com a veracidade e com a construção de sentido, é algo que distingue esse tipo de narrativa de ficções gráficas ou tirinhas convencionais.

Para além de modos estéticos e inovadores, o JHQ proporciona uma maior inserção do leitor em meio a informações de natureza complexa e sensível. A mescla de recursos expande a informação, em especial pela sintetização de forma lúdica e linguagem simples, se tornando também uma forma de adquirir conhecimento, abrangendo assim um público maior e cumprindo com o dever do jornalismo de propagar a comunicação, que é um direito universal.

A Revista Badaró se destaca no cenário jornalístico atual por sua abordagem inovadora e comprometida com o interesse público. Um dos principais méritos do veículo está na capacidade de sintetizar temas complexos e socialmente sensíveis por meio de uma linguagem acessível, crítica e visualmente instigante, transformando conteúdos densos e, por vezes, distantes da realidade cotidiana do leitor, em narrativas envolventes que são capazes de gerar reflexão e engajamento. O fato de ser um veículo independente permite colocar em evidência pautas pouco exploradas pela imprensa tradicional, com maior liberdade editorial e olhar atento às urgências sociais. O direcionamento da Revista sobre situações críticas e estruturais antes mesmo da repercussão em larga escala, como conflitos do Oriente

Médio, reafirma sua relevância como imprensa alternativa comprometida com os direitos humanos, a diversidade e a justiça social.

Por outro lado, a ausência de grandes financiadores e a limitação de recursos estruturais impõem barreiras relacionadas à expansão da cobertura jornalística, especialmente quanto ao deslocamento para a apuração presencial de pautas mais distantes. Percebe-se que, muitas vezes, a equipe depende de parcerias, apoios ou de atuação voluntária de colaboradores para viabilizar uma maior gama de materiais. Tal ausência acaba por impactar o ritmo de produção e o alcance da revista.

O estilo popularizado por Sacco de abordar temáticas sociais e conflitos, além de traços visuais que correspondem à objetividade jornalística é visto na Revista Badaró, em especial nos materiais ilustrados por Norberto Liberator. A predominância de um ilustrador e roteirista por um lado explicita as influências do jornalista maltês mas, por outro, minimiza a diversidade de pontos de vista e expressões artísticas. O investimento em uma maior variedade de fontes orais nos materiais e a inclusão do gênero reportagem, como a ida do repórter e ilustrador a campo, fortaleceria ainda mais o conceito de Jornalismo em Quadrinhos.

Esta pesquisa expande caminhos para futuras explorações, como estudos comparativos entre outros materiais que abordam o JHQ no Brasil e no exterior e a recepção do público quanto a este tipo de linguagem. As abordagens levantadas neste trabalho simbolizam quatro anos de atração por atividades visuais e imagéticas ligadas ao jornalismo durante a graduação. O encontro com o JHQ aconteceu há dois anos e desde então, tornou-se uma parte de mim, possibilitando uma reunião de gostos pessoais e ideais: a informação precisa chegar em todas as camadas e o estético não deve ser considerado um instrumento supérfluo.

Este mergulho permitiu reconhecer as potencialidades estéticas, pedagógicas e metodológicas, compreendendo o valor da linguagem híbrida para o jornalismo contemporâneo, além de desenvolver um olhar mais aguçado e sensível sobre formas alternativas de comunicação. Quando usadas com sensibilidade e propósito, a junção de palavras e imagens não apenas ampliam a compreensão, mas se completam gerando um balanço agradável, como visto no Jornalismo em Quadrinhos, onde a informação é transmitida de maneira clara, inovadora e atraente aos olhos. A importância desse formato no atual cenário de desinformação automatizada, crise da imprensa e a queda da busca por leitura opera como ponte

fentre a compostura jornalística e a sensibilidade artística, promovendo o entendimento de temas difíceis de maneira ética e envolvente, conseguindo favorecer a desaceleração do consumo de informação genérica e promover uma experiência de leitura mais reflexiva.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p.77-101. 2006 *apud* SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51–67, mai./ago. 2019. DOI: 10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CAMPOS, Rogério de. **HQ**: uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações. São Paulo: Editora Veneta, 2022.

CIRNE, Moacy. **Bum! A Explosão Criativa Dos Quadrinhos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORAÇÃO, Cláudio Rodrigues. **O jornalismo toma o “poder”**: new journalism, Tom Wolfe e o realismo em debate. VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009, São Paulo.

DESENHOS atraem o leitor para questões sociais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 de abril de 2001. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2904200107.htm>. Acesso em: 11 de abril de 2025.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 240p.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa; DEBOM, Paulo. Anotações para uma cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.8, 2021.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas de Will Eisner**. 1. ed. São Paulo: Devir Editora, 1996.

GUIMARÃES, Rafael Baldo; SILVA, Fabiano Messias. **Jornalismo em Quadrinhos**: Uma análise do uso da nona arte como suporte para narrativa jornalística. Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

GUIMARÃES, Edgard. **"Uma caracterização ampla para as histórias em quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão"**. CD -Rom do Intercom 1999 - GT Humor e quadrinhos; Rio de Janeiro: Intercom, 1999.

LAGE, Nilson. Linguagem jornalística. [S. l.]: Nilson Lage, [s.d.]. Disponível em: <https://nilsonlage.com.br/linguagem-jornalistica/>. Acesso em 15 de julho de 2025.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é História em Quadrinhos**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

McCLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**: como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte. São Paulo: M. Books, 2006.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Buenos Aires: Paidós: 2003.

MESQUITA, Giovana Borges. MORAES, Fabiana. Novas formas jornalísticas de informar: reflexões sobre produções sonoras que reúnem jornalismo e ficção. Radiofonias – **Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 03, p. 67-89, out./dez. 2023.

MEDEIROS NETO, José Sampaio de. **Instâncias de narração no jornalismo em quadrinhos**: uma análise sobre a produção brasileira da agência Pública. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

MEDEIROS NETO, José Sampaio de; SCHNEIDER, Greice. **O Estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos**. 9ª Arte. São Paulo, vol. 8, n. 1, 1º Semestre/2019.

PAIM, Augusto. **Pequeno Manual da Reportagem em Quadrinhos**. 1ª edição. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2023.

PORTUGAL, Mirela Gonçalves. **A reportagem em quadrinhos**: uma análise de Palestina, de Joe Sacco. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

RIBEIRO, Maria Gabriela Santana; MEDEIROS, Yara. **Jornalismo em Quadrinhos**: características da produção especializada na seção HQ de Fato. 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Natal/RN, 2024.

RESENDE, Fernando. **Textuações**: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe. São Paulo: Fapesp, 2002.

SILVEIRA, Leandro. Jornalistas desenvolvem primeira grande reportagem em quadrinhos. **Observatório da Imprensa**, Armazém Literário, 13 nov. 2007. Disponível em:

https://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/jornalistas_desenvolvem_primeira_grande_reportagem_em_quadinhos/. Acesso em: 15 jul. 2025.

REVISTA BADARÓ. O manifesto. **Revista Badaró**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.revistabadaro.com.br/o-manifesto/>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ROSSI, Clóvis. **Coleção Primeiros Passos: o que é jornalismo**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

SACCO, Joe. **Reportagens**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

SACCO, Joe. **Notas sobre Gaza**. 2. ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

SANTANA, Glêyse Santos; BARI, Valéria Aparecida. **O pioneirismo do jornalismo em quadrinhos no Brasil: reconstituição do "Crime da Mala" por Horácio Hora**. Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura, v. 2, 2020.

SANTOS, Giovana Vieira. **Justiça é um direito básico e acessível a todos: a linguagem jurídica, não**. Monografia (Curso de Direito) - Faculdade do curso de Direito da UniEVANGÉLICA. Anápolis, 2019.

SANTOS, Renata de Paula dos; MIANI, Rozinaldo Antonio. Na contramão do pensamento hegemônico: uma análise da obra Reportagens de Joe Sacco. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa v.8.e2117766, p. 01-20, 2021.

SANTOS, Yara Medeiros dos. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SVERSUTI, Leilane Cristina. **Jornalismo em Quadrinhos: a história que conta a história**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Bahia, Brasil, 2018.

VIZEU, A. P.; CERQUEIRA DA SILVA, L. J. 65 anos de televisão: o conhecimento do telejornalismo e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 3, p. ID22638, 7 jul. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

Wobeto, S. L., Borelli, V., & Romero, L. M. (2024). Acessibilidade comunicativa: palavra-chave para um jornalismo democrático e cidadão. *Âmbitos. Revista Internacional De Comunicación*, (65), 90–110.